

TEXTO EM ANÁLISE

João de ALMEIDA *

RESUMO: O artigo procura fazer uma análise dos significados da crônica "A Culpa da Sociedade", de Fernando Sabino, partindo da estrutura da narrativa, passando pelos diversos níveis de significação e utilizando as relações sêmicas propostas por B. Pottier.

UNITERMOS: Análise de texto: estrutura da narrativa; níveis de significação; relações sêmicas; Semântica.

A crônica *A Culpa da Sociedade*, de Fernando Sabino (9), permite ao leitor, sobre o sabor bem expresso do episódio cotidiano, extrair maiores reflexões a respeito das complexas relações humanas que levam a definir padrões de comportamento social.

Eis o texto, de cujas maiores significações vamos tentar nos aproximar:

- “1. Ajuntamento na Praça 15. Um rapaz de cor preta, rodeado de caras e dedos acusadores, olhava envergonhado para o chão.
— No ônibus. Quando a mulher olhou... Ladrão!
5. — Ladrão, não senhor — ousou protestar o preto! — Não cheguei a roubar.
— Não chegou porque não deu tempo. Ora essa é muito boa: não chegou a roubar!
E o senhor gordo e meio calvo que o acusava segurou-o pelo pulso:
10. — Desta você não escapa, ladrão. E o guarda? Já chamaram o guarda?
Ninguém se movia para chamar o guarda. Todos queriam saber o que havia acontecido.
15. Imagine o senhor — e o gordo acusador voltou-se para mim — que este porcaria estava num ônibus ao lado de uma senhora, e mete a mão na bolsa dela para furtar dinheiro.
Se não fosse eu estar olhando... Foi apanhado com a boca... com a mão... com a bolsa...
20. Vim em sua ajuda:
— Com a boca na botija.
— Isso — confirmou ele: — Na botija. Agora está dizendo que não chegou a roubar. Ah! Não chegou porque não deixei, essa é muito boa. E o guarda? Onde está esse guarda?
25. — Não houve flagrante — resmungou o preto.
— Já viu só? Ainda por cima vem dizer que não houve flagrante. Ladrão!
— A culpa não foi minha.
— Não foi sua? — e o gordo lhe deu um safanão: — Mete a mão na bolsa da mulher e depois diz que a culpa não é dele. De quem é a culpa, então? Minha?
30. — Da sociedade.
Todos os olhares se voltaram para o preto, respeitosa e estupefatos. Por essa ninguém contava: a culpa da
35. sociedade. Um carro buzinou pedindo passagem. O passageiro do carro inclinou-se para fora:
— Psii! Ó Souto! Que diabo você está fazendo aí?
O acusador do preto voltou-se vivamente ao chamado:
Ah, Dr. Faria! Quanto prazer... Imagine o senhor...
40. Eu... Este homem aqui...

* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19800 — Assis — SP

- Acabou largando o braço do preto e se aproximou do carro.
— Vamos para Copacabana — ordenou o outro: — Entre aí.
Enquanto isso, alguém sussurrava aos ouvidos do preto:
— Aproveita agora, fuge.
45. Esse alguém era eu. O rapaz voltou para mim, impassível:
Fugir por quê? Não fiz nada. Não houve flagrante.
O Dr. Faria abria naquele instante a porta de seu carro e o Souto entrava lampeiro, esquecido de sua vítima. O
50. preto pôs as mãos no bolso e afastou-se em passos lentos, sem ser molestado.”

I — ESTRUTURA DA NARRATIVA

A linha da narrativa revela, em torno dos dois personagens principais, a seqüência de dois esquemas que se desenvolvem com sentidos antagônicos. Enquanto que para o preto a situação inicial se configura como um momento difícil, para o Souto é um instante favorável dentro de seu propósito. A partir daí, adaptam-se perfeitamente à seqüência dessa narrativa os seguintes esquemas: (BREMONT, 3)

A	=	B
a) Melhoria possível	=	Degradação moral possível
b) Processo de melhoria	=	Processo de degradação moral
c) Melhoria obtida	=	Degradação moral obtida.

A coluna *A* focaliza o desenvolvimento da situação do preto que, partindo de um estado crítico, se esforça para sair da posição incômoda, “ousa protestar” (linha 5) e consegue alegar que “não houve flagrante” (linha 25). O seu melhoramento, porém, está em relação com o que se cita na coluna *B* e que ocorre de forma inversa com o outro personagem. O Souto, partindo de um estado satisfatório, evidencia o início de sua degradação moral, em razão de sua agressão verbal ao preto (linhas 4, 11, 16) e de sua falta de objetividade na busca da autoridade (linhas 11, 24).

O processo de melhoramento para o preto se firma na sua coragem de negar a culpa e de atribuí-la à sociedade, com o que consegue “olhares respeitosamente estupefatos” (linha 33). Simultaneamente o Souto desenvolve mais o seu processo de degradação moral, com o aumento de sua agressividade, que passa a ser também física (linha 29).

O episódio da entrada em cena do Dr. Faria vem a representar a degradação moral obtida pelo Souto (acabou por entrar lampeiro no carro, “esquecido de sua vítima”) (linha 49). Por outro lado, significa o melhoramento obtido pelo preto, que saiu da dificuldade e retirou-se “em passos lentos sem ser molestado” (linha 50).

A narrativa é conduzida predominantemente pelo diálogo dos vários personagens, ficando poucas linhas para a parte do narrador, em destaque as duas primeiras como introdução formal da estória e as três últimas como sua conclusão.

II — NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO

Indo aos diversos níveis significativos do texto, tentaremos explorar tanto o que em cada um é específico como o que se acrescenta ao nível seguinte para a significação global. E partiremos do nível mínimo para o mais amplo, com o propósito de pôr em evidência a seqüência gradativa da significação na proporção da extensão dos segmentos do discurso (1,2).

a) Morfemas

É relevante neste texto destacar dois tipos de morfemas: os supra-segmentais e os segmentais.

a.1 — Morfemas supra-segmentais

a.1.1. — As reticências, que estão nas linhas 4, 19, 20, 39 e 40, são todas do mesmo personagem Souto e, sobre as interrupções que representam, servem para conotar uma certa indecisão de sua fala, uma hesitação, talvez até pudéssemos dizer, uma não muito forte convicção do que fazia.

a.1.2. As interrogações, como sinais das dúvidas que se colocam no texto contribuem para o tom emotivo do discurso e poderiam ser observadas em quatro aspectos distintos:

1.º — As interrogativas das linhas 11, 12 e 24 ficam como meros desabafos no ar do Souto, sem o propósito das respostas devidas, quer por parte da massa indiferente (“Ninguém se movia para chamar o guarda” —, linha 13), quer por parte do próprio intento do referido personagem.

2.º — As interrogativas das linhas 29 e 31 assumem também uma função conativa e preparam a resposta que é nuclear na semântica do texto: a acusação de que a culpa é da sociedade.

3.º — A pergunta do Dr. Faria ao Souto (linh 37), sem chegar também a ter a resposta devida, representa o segmento que precipita a definição do caráter do Souto, como síntese da sociedade omissa.

4.º — A indagação final do preto (linha 47) corresponde a uma negativa ao conselho dado. Também não pede resposta, mas evidencia a dúvida do personagem quanto à culpa que lhe é atribuída.

a. 1.3 — As exclamações do texto pertencem no geral também à fala do Souto. Caracterizam melhor o tom emotivo do texto, em especial a conduta sem moderação desse personagem. E observe-se que isso é reiterado pelo próprio uso da interrogação da linha 26 e pela expressão “essa é muito boa”, da linha 24, ambos os casos em fala do mesmo personagem.

a.2 — Morfemas segmentais

a.2.1 — As formas do imperativo, com base no subjuntivo, das linhas 15, 39 e 42, das falas do Souto e do Dr. Faria, se opõem às formas do imperativo, com base no indicativo, da linha 44 (fala do personagem-narrador), a conotar maior aproximação entre este e o preto, do que a daqueles dois personagens entre si.

a.2.2. — Além do valor imperativo já referido, as formas do presente também servem no texto a um valor de pretérito ou de futuro. No primeiro caso estão os sintagmas verbais das linhas 16 e 29 (“mete a mão”) e mesmo o da linha 22 (“está dizendo”); no segundo caso, o da linha 11 (“Desta você não escapa”). Os referidos empregos, acrescidos dos usos normais do presente, como formas de atualização, servem para abrandar a natural predominância dos tempos pretéritos da narrativa.

b) Lexemas

b.1 — *preto* — Refere-se ao personagem base do texto, em torno do qual se desenvolve toda a problemática.

Reforçam-lhe a significação neste nível os lexemas *ladrão* (linhas 4,11,27), como ponto de vista do gordo acusador, e *vítima* (linha 49), como ponto de vista do personagem-narrador.

b.2 — *Souto* — Nomeia o personagem síntese da sociedade que agride e que se omi-

te. Reforçam-lhe o sentido, de forma caricatural, os lexemas *gordo* (linhas 9,15,29) e *acusador* (linha 38), a explicitar a tendência do próprio narrador.

b.3 — *Dr. Faria* — Designa o representante de uma classe mais privilegiada. A sua importância reside no fato de servir de teste às verdadeiras intenções do personagem Souto.

b.4 — *ônibus/carro* — O lexema da linha 4 se opõe ao da linha 35, caracterizando o transporte mais popular, em que se misturam os elementos da classe média para baixo, em face do transporte de uma classe especial.

b.5 — *ajuntamento* — É a representação da massa indiferenciada, que, por se conduzir mais pela reação da curiosidade, contribui igualmente para a idéia da omissão.

b.6 — *roubar* — A sua importância reside no valor polissêmico que o caracteriza no texto, vendo-se o ato pelo ângulo do Souto ou pelo ângulo do preto.

b.7 — *Copacabana* — Caracterizando o destino do Dr. Faria, o lexema põe de certa forma em relevo o "status" do dono do carro e ajuda a desnudar as intenções do Souto.

Ainda dentro do nível dos lexemas, vale colocar em destaque a diversidade de tratamento entre os vários personagens do texto, ou seja:

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|
| a' — do Souto para o preto
(ladrão/você/ladrão/porcaria/ladrão) | prepotência com
agressividade |
| b' — do Souto para o Faria
(Dr. Faria/ o senhor) | submissão |
| c' — do Faria para o Souto
(Ó Souto/você/Vamos... Entre) | determinação superior |
| d' — do narrador para o Souto
(senhor gordo e meio calvo/gordo acusador
o gordo / o acusador do preto) | caricatura, antipatia |
| e' — do narrador para o preto
(um rapaz de cor preta /o preto (5 v.) /vítima) | simpatia. |

Como facilmente se percebe, essa diversidade de relacionamento se constitui em ponto de importância fundamental para a significação global do texto.

c) Sintagmas

- c.1 — *Um rapaz de cor preta* (linha 1) — Sintetiza a simpatia e o respeito com que o narrador acompanha a figura do personagem mais humilde.
- c.2 — *senhor gordo e meio calvo* (linha 9) — Significa a revelação da antipatia do narrador pela figura grosseira do Souto e ao mesmo tempo a caracterização do burguês da classe média.
- c.3 — *caras e dedos acusadores* (linha 2) — Indica a pressão da massa sobre o rapaz submetido a violenta acusação.
- c.4 — *este porcaria* (linha 16) — O demonstrativo *este* singularmente não está correspondendo ao seu suposto determinado *porcaria* na concordância de gênero. O fato evidencia um emprego estilístico especial, que sugere uma inversão de determinação, produto de uma redução sintagmática (este homem que é uma porcaria > este porcaria).

- c.5 — *a culpa da sociedade* (linha 32) — É a idéia básica do texto, que está no título e é demonstrada pela narrativa, através da atitude do próprio Souto.
- c.6 — *com a boca na botija* (linha 21) — Com o sentido denotativo de “alguém surpreendido no instante da atitude tomada”, adquire importância pela oposição à idéia do *flagrante* (linha 25) e pela conseqüente condução aos dois conceitos de roubo (um do Souto, outro do preto).
- c.7 — *esquecido de sua vítima* (linha 49) — É o traço final do narrador para caracterizar a omissão do falso justiceiro.

d) Frases

- d.1 — As frases que se destacam com mais peso significativo, no discurso abordado, são:
 - d.1.1. — “Um rapaz de cor preta (...) olhava envergonhado para o chão”. (linhas 1,2)
Expõe a situação crítica inicial do personagem preto, a revelar a sua vergonha e a sua humilhação.
 - d.1.2. — “Todos queriam saber o que havia acontecido” (linha 13)
Indica a verdadeira intenção da massa, que era a de satisfazer a sua curiosidade.
 - d.1.3. — “E o guarda?” (linhas 11,24)
Caracteriza omissão em duplo sentido: o da sociedade, que em pleno centro da cidade não dispõe de policiamento suficiente, e o do personagem Souto, que pergunta sem o propósito de receber resposta.
 - d.1.4 — “Não houve flagrante” (linha 25)
O sentido desta frase deve ser analisado em combinação com o do sintagma “com a boca na botija”. Ambos têm o mesmo traço denotativo de “surpreender no instante da atitude tomada”, mas conotativamente ocorre a disjunção. Para o sintagma o seu caráter coloquial, popular; para a frase o seu caráter policial ou judicial, isto é, de que um crime se considera mais grave se for surpreendido pela própria autoridade. O conhecimento dessa fato do flagrante sugere ainda a possível experiência do preto com o ambiente da polícia.
 - d.1.5. — “A culpa (é) da sociedade”
Pensando-se no trecho das linhas 28 a 32 pode-se retomar esta expressão como frase, já que aí está a essência do texto, o que o próprio narrador quer denunciar com a narrativa.
 - d.1.6 — “... e o Souto entrava lampeiro, esquecido de sua vítima” (linha 49).
É a confirmação da culpa da sociedade, através de sua omissão, personificada pelo Souto.
- d.2. — É possível ainda observar alguns segmentos fráscicos que servem para bem caracterizar a expressão coloquial com que se desenvolve a narrativa. Vejam-se por exemplo:
 - d.2.1 — “No ônibus. Quando a mulher olhou... Ladrão!” (linha 4)
Num mesmo parágrafo três tipos de frases (uma nominal declarativa, uma verbal truncada e uma nominal exclamativa) condizentes com a situação do diálogo oral na circunstância narrada.
 - d.2.2 — As frases interrompidas das linhas 39 e 40, que caracterizam a surpresa e o embaraço do Souto diante do Faria.

- d.2.3 — A exclamação pela frase “essa é muito boa” (linha 24) e a ênfase do objeto na interrogativa “*Que diabo* você está fazendo aí?” (linha 37), que também apontam para a linguagem oral cotidiana.

III — RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO

a) *ônibus/carro* — Como vimos ao tratar de lexemas, estamos diante de oposição entre veículo popular e veículo particular, a indicar envolvimento de classes diversas na história.

b) *roubo para o Souto/ roubo para o preto*

Para o gordo acusador a intenção do roubo já é crime, mas para o preto não houve roubo porque não se chegou ao flagrante policial.

c) *acusador/ vítima*

São lexemas do próprio narrador, nos rápidos trechos que lhe pertencem, a revelar a oposição em que ele vê as personagens Souto e Preto.

d) *atitudes do Souto para o preto/ atitudes do Souto para o Dr. Faria*

Enquanto o Souto em relação ao preto se mostra prepotente, agressivo, em relação ao Faria se revela submisso, gentil. A oposição revela no entanto um traço comum: em face de ambos o mesmo propósito de projeção de Souto, o que acaba por anular a possível intenção de justiça no primeiro caso.

e) *ajuntamento/ Dr. Faria*

Esta oposição caracteriza a massa indiferenciada em relação ao indivíduo privilegiado e, de certa forma, é a extensão humana da primeira das oposições acima.

IV — RELAÇÕES DE ASSOCIAÇÃO

Pensamos aqui nos diversos traços sêmicos, virtuais, ou conotativos, que o texto nos oferece. Ou sejam:

- | | |
|--------------------|-------------------------------------------------------------------|
| 1. marginalização | ← a situação do preto |
| 2. acomodação | ← a variação do Souto |
| 3. prepotência | ← a atitude do Souto em relação ao preto |
| 4. submissão | ← a atitude do Souto em relação ao Faria |
| 5. curiosidade | ← a fundamental reação da massa |
| 6. omissão | ← a falta de polícia, a indiferença da massa, a retirada do Souto |
| 7. classe inferior | ← a figura esmagada do preto |
| 8. classe média | ← a figura “entre duas situações” do Souto |
| 9. classe superior | ← a figura privilegiada do Faria |

V — RELAÇÕES ACTANCIAIS

A linha da narrativa repousa em quatro momentos de relevante significação, em face de seus actantes:

- | | |
|----------------------------------------------------------|-----------|
| 1.º) Um senhor gordo acusa um preto de roubo | o → o → □ |
| 2.º) O preto incrimina a sociedade | o → o |
| 3.º) A presença do Dr. Faria modifica a atitude do Souto | o → o |

4.º) O Souto fica em maior destaque $\circ \leftarrow \Delta$
(ou A sociedade é omissa)

As três incidências do Actante 1 sobre o Actante 2, em feições diversas, nos três primeiros momentos, resultam na atribuição final do quarto momento, isto é, como estrutura de superfície a maior projeção encontrada pelo Souto, como estrutura profunda a omissão da sociedade.

VI — RELAÇÕES SÊMICAS FUNDAMENTAIS (4)

Vamos tentar explicar os núcleos fundamentais do texto, a partir das relações sêmicas que nos estabelece B. Pottier (6): a de oposição (H), a de inclusão (\supset), a de participação (ω) e a de associação (\sim).

1.º)

		Souto			
		H	—	vítima	
Humano	\supset	Preto	\sim	—	classe inferior
		ω	—	marginalização	
		ousadia			
		vergonha			
		esperteza			
		experiência			
		Preto	—	acomodação	
		H	\sim	—	prepotência (para inferior)
Humano	\supset	Souto	—	—	submissão (para superior)
		ω	—	burguês classe média	
		obesidade			
		indecisão			
		hesitação			
		vontade de se projetar			

A relação fundamental do texto é a que ocorre com a oposição entre o Souto e o preto, pois em cima deste aquele inicialmente pretende projetar-se, sem verdadeira intenção de justiça. E é paradoxalmente do próprio afastamento do Souto com o Faria, em referência à situação do preto, que se confirma para o leitor a idéia da omissão da sociedade.

As reações de ambos os personagens circulam na complexidade do plano humano, em razão do que cabe incluí-los neste classemá, mas os seus traços específicos são naturalmente diversos.

Caracterizam o preto os traços de ousadia (linha 5), de vergonha (linha 2), de certa esperteza ao tentar sair da situação em que se encontrava, e de certa experiência com a polícia (pelo conhecimento do problema do flagrante). Caracterizam o Souto a obesi-

dade (linhas 9, 15), a indecisão e a hesitação (linhas 18, 19, 39, 40) e vontade de se projetar (a ida com o Faria superou nesse sentido o propósito para com o preto).

Enquanto pois se associam ao núcleo sêmico *preto* os traços virtuais da idéia de vítima, de marginalizado pela sociedade e de classe em pior situação, do núcleo *Souto* se extraem as idéias de prepotência — a partir de seu comportamento para com o preto — de submissão, no seu relacionamento com o Faria, de acomodação, por procurar o que melhor convém ao seu propósito de projeção e, conseqüentemente, de burguês da classe média, pela caricatura que dele faz o narrador.

		Povo (ajuntamento)		
		H		
Humano	⊃	Dr. Faria	~	— classe alta
		ω		— alienação
		— passageira do automóvel		
		— destino Copacabana		
		Faria/Souto		
		H		
Humano	⊃	Narrador (do povo)	~	— reconhecimento culpa
		ω		— sociedade
				— compreensão
		simpatia pela classe humilhada		

Ainda no plano humano, ocorre a oposição do Dr. Faria com a massa populãr, da qual se destaca o personagem-narrador. É que o Dr. Faria vem no carro que “buzinou pedindo passagem” (linha 35), pressionando portanto o ajuntamento, para localizar circunstancialmente um conhecido, mas sem preocupação alguma com o problema existente. E a sua caracterização específica é a de passageiro de um automóvel que se destina a Copacabana, traços que o conotam no texto como de classe mais alta, evidentemente com a alienação de sua atitude.

Por outro lado, fica para o narrador, “alguém” do próprio povo (linha 45), a característica de simpatia pela classe humilhada, segundo o tratamento utilizado desde o início do texto e o conselho dado ao preto em seu final (linha 44). E daí decorre, por associação, a compreensão que ele manifesta do problema ao reconhecer a culpa da sociedade.

3.º)

Existência humana	⊃	Indivíduo	~	— discriminação — desigualdade — omissão
		H Sociedade ω diversidade de pessoas		
Existência humana	⊃	Sociedade	~	— egoísmo — desprezo semelhante — diferença de conceito — diferença de roubo
		H Indivíduo ω		
		vergonha (p) ousadia (p) prepotência (S) pretensão (S) falsa justiça (S) agressão (S) vaidade (S) determinação superior (F) compreensão (n)		

No texto a existência humana pode ser focalizada pela vivência da sociedade ou do indivíduo. Aquela, que se constitui da diversidade de pessoas do episódio narrado, se conota as idéias de desigualdade, a partir do próprio relacionamento diferenciado do Souto, de discriminação dos elementos desfavorecidos e da omissão, que é principalmente personificada pelo mesmo Souto.

O indivíduo é caracterizado diversamente conforme o personagem. Pela vergonha e pela ousadia se reconhece o preto, pela prepotência, pretensão, falsa justiça, agressão e vaidade, se observa o Souto, pela posição de mando se vê o Faria e pela compreensão se pode encarar o narrador. É notório que os mais negativos desses traços recaem sobre o Souto, confirmando pela sua personificação a culpa da sociedade.

As associações, pela diversidade dos indivíduos que facilmente se localizam, se fazem com o egoísmo (Souto), o desprezo ao semelhante (Souto e Faria) e a diferença de conceito de roubo (Souto e preto).

4.º)

Conceitual	⊃	Culpa H Inocência ω	~	— experiência com polícia
		não haver flagrante afastar-se com mãos no bolso envergonhado subjugado vítima		
Conceitual	⊃	Inocência H Culpa ω	~	— sociedade desigual — luta de interesses
		tentar roubar (P) humilhar semelhante (S) agredir semelhante (S) projetar-se s/semelhante (S) omitir-se da atitude correta (S/Aj./F)		

O texto joga, em síntese, com estes dois conceitos, em oposição significativa: o da culpa e o da inocência pelas irregularidades da vida do indivíduo.

E vemos caracterizar-se a inocência por uma séria de idéias do texto, todas em torno do personagem preto: é a vergonha que ele sente, é a humilhação que sofre, é a vítima que representa. Ou, de outro ângulo, pela tranquilidade do mesmo personagem em afastar-se “com as mãos no bolso, em passos lentos” (linha 50) e pela sua convicta defesa do conceito próprio de roubo, em que não houve flagrante. É claro que, por outro lado, esta mesma idéia de flagrante faz associar paradoxalmente à inocência, sem que esta se anule, a idéia de uma experiência anterior com a polícia.

VII — ANÁLISE SÊMICA (5)

<i>Semema</i>	<i>Semantema</i>	<i>Classemas</i>	<i>Virtuemata</i>
1) Preto	o que é humilhado o que tem vergonha o que tem esperteza	humano	marginal vítima classe inferior
2) Souto	o que quer projetar-se o que agride o que é indeciso o que se submete	humano	acomodação prepotência submissão burguês classe média
3) Faria	o que tem condição superior o que oferece mais projeção	humano	classe alta alienação

4) Narrador	o que revela simpatia pela classe humilhada	humano	compreensão
5) Sociedade	diversidade de pessoas	existência humana	discriminação desigualdade omissão
6) Indivíduo	participante da sociedade, com vergonha, ousadia, prepotência, agressão, vaidade etc.	existência humana	egoísmo desprezo semelhante curiosidade experiência com polícia
7) Inocência	característica de quem é subjugado, de quem é vítima	conceitual	
8) Culpa	característica de quem se omite, de quem humilha o semelhante de quem quer projetar-se sobre ele	conceitual	sociedade desigual luta de interesses

VIII — SÍNTESE FINAL DAS SIGNIFICAÇÕES (metassemia) (7)

A análise feita conduz naturalmente à idéia geral de que a omissão da sociedade lhe determina a culpa pela marginalização do indivíduo. Especificamente, porém, pode-se ainda, a partir do texto em análise, verificar que:

a) Qualquer intenção de justiça fica comprometida pelo não encaminhamento objetivo da responsabilidade, por acusações ostensivas e humilhantes e, principalmente, pela vaidade da projeção pessoal.

b) A omissão de uma sociedade, em relação aos problemas pelos quais deve ser responsável, pode ter base em propósitos de projeção individual, na falta de segurança, na indiferença da massa e na alienação das classes superiores.

ALMEIDA, J. de — Analysing text. *Alfa*, São Paulo, 29:29-49, 1985.

ABSTRACT: This article attempts to analyse the meaning of Fernando Sabino's "A Culpa da Sociedade". It starts with an account of the narrative structure and proceeds to analyse the several levels of meaning, making use of the semic relations proposed by B. Pottier.

KEY-WORDS: Text analysis; narrative structure; levels of meaning; semic relations; semantics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, J. de — A significação lingüística e a sua análise. *Alfa*, 18/19: 289 — 312, 1972/73.
2. ALMEIDA, J. de — Oposições significativas. *Rev. Let.*, 17: 91-100, 1975.
3. BREMOND, C — A lógica dos possíveis narrati-
vos. In: BARTHES, R. *et alii* — *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
4. POTTIER, B. — Hacia una semántica moderna. In: *Lingüística moderna y filología hispánica*.

- Madrid, Gredos, 1968. p. 99—133.
5. POTTIER, B. — *Presentación de la lingüística*.
Tradução de A. Quilis. Madrid, Alcalá, 1968.
6. POTTIER, B. — *Gramática del Español*. Madrid,
Alcalá, 1970.
7. REVISTA DE CULTURA VOZES. Petrópolis,
Ed. Vozes, v.64, n.º 7, set., 1970.
8. REVISTA DE CULTURA VOZES. Petrópolis,
Ed. Vozes, v.66, n.º 2, mar., 1972.
9. SABINO, F. — *A mulher do vizinho*. 4.ed. Rio de
Janeiro, Ed. Sabiá, 1962.